

Bancos protestam contra o plano de ajuda aos devedores

Os tumultos da Venezuela podem se repetir em Nova York, com os acionistas de bancos comerciais protestando contra o preço que vão pagar para aliviar os países latino-americanos do peso da dívida e da ameaça de instabilidade política e social.

O cenário em que o vermelho da dívida se transforma em sangue, descrito ontem pelo **Wall Street Journal**, foi retomado por um importante banqueiro de um dos cinco maiores credores do Brasil, numa entrevista ao correspondente Moisés Rabinovici. Ele advertiu:

"O governo não pode colocar os bancos numa posição em que percam 25% da reserva que criaram como proteção contra calotes, sem oferecer tentadoras medidas contábeis e fiscais. A situação é muito delicada. Os bancos representam interesses de acionistas e depositantes. Se hoje temos tumultos em Caracas, amanhã teremos em Nova York".

Este banqueiro, com voto no comitê de bancos credores do Brasil, diz que todos estão com "muita expectativa", na comunidade bancária, do que poderá ser anunciado, hoje, pelo secretário do Tesouro, Nicholas Brady.

"Pode ser que a expectativa seja até maior do que o que vai acontecer. Imagino que vamos ver algo muito genérico. Talvez

só o delineamento de um princípio, em linhas gerais, que será desenvolvido com o tempo. Para nós, o importante é que o governo tente um equilíbrio dos variados interesses em jogo. Isto me parece um grande desafio."

Para este banqueiro, não existe, na prática, o que tem sido chamado de "redução voluntária da dívida". Quando um corrente toma uma direção, como a elevação de reservas ou um aumento de taxa de juros, todos o seguem. Perguntado sobre como seu banco entraria num esquema de redução de dívida, ele respondeu: "Diante de condições tão tentadoras que, não entrando, alguém se espante que tenhamos ficado de fora".

Timidez

Apesar da reação inicial, favorável em geral, ao anúncio de que o governo Bush está prestes a adotar o plano para aliviar o peso das dívidas, alguns observadores começam a acreditar, nos Estados Unidos, que talvez as mudanças acabem sendo tímidas. Horst Schulmann, diretor-gerente do Instituto Internacional de Finanças, que representa mais de 180 grandes bancos de todo o mundo, disse que o novo enfoque do governo Bush não é propriamente uma novidade, pois os bancos já estão aplicando um mecanismo semelhante, há um ano.

A principal idéia do plano, segundo

informações extra-oficiais, seria o abandono da orientação estabelecida, há quatro anos, pelo Plano Baker em favor de uma política de estímulo aos bancos privados para que dessem uma espécie de perdão para parte das dívidas ("redução voluntária"). O Plano Baker segue o princípio de financiar a dívida, desde que os países devedores adotem planos de austeridade e de reestruturação de suas economias.

O senador democrata Bill Bradley, que desde o início se opôs ao Plano Baker e defendeu o ponto de vista da redução da dívida, disse que é necessário "esperar para ver os números", caso se confirme realmente o novo enfoque. O jornal **New York Times** registra que os grandes bancos poderiam aceitar uma redução de 30% de seus empréstimos para a América Latina, em troca de garantias sobre os 70% restantes. A contrapartida são as garantias que instituições como o Fundo Monetário International (FMI) e o Banco Mundial (Bird) dariam aos bancos.

O próprio jornal lembra, entretanto, que o Banco Mundial já rechaçou, por exemplo, o pedido do México para garantir os bônus que utilizou em março do ano passado para reduzir US\$ 3,6 bilhões de sua dívida de longo prazo, com um desconto de 30,25%.